

Parábola do avesso do deserto

Pimenta, Alan Victor

Veröffentlichungsversion / Published Version

Zeitschriftenartikel / journal article

Empfohlene Zitierung / Suggested Citation:

Pimenta, A. V. (2007). Parábola do avesso do deserto. *ETD - Educação Temática Digital*, 9(1), 166-217. <https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-73285>

Nutzungsbedingungen:

Dieser Text wird unter einer Free Digital Peer Publishing Licence zur Verfügung gestellt. Nähere Auskünfte zu den DiPP-Lizenzen finden Sie hier:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

Terms of use:

This document is made available under a Free Digital Peer Publishing Licence. For more information see:
<http://www.dipp.nrw.de/lizenzen/dppl/service/dppl/>

PARÁBOLA DO AVESSO DO DESERTO

Alan Victor Pimenta

RESUMO

Este texto e imagens são uma criação literária e fotográfica, de cunho autobiográfico e ficcional.

PALAVRAS-CHAVE

Fotografia; Literatura; Ficção

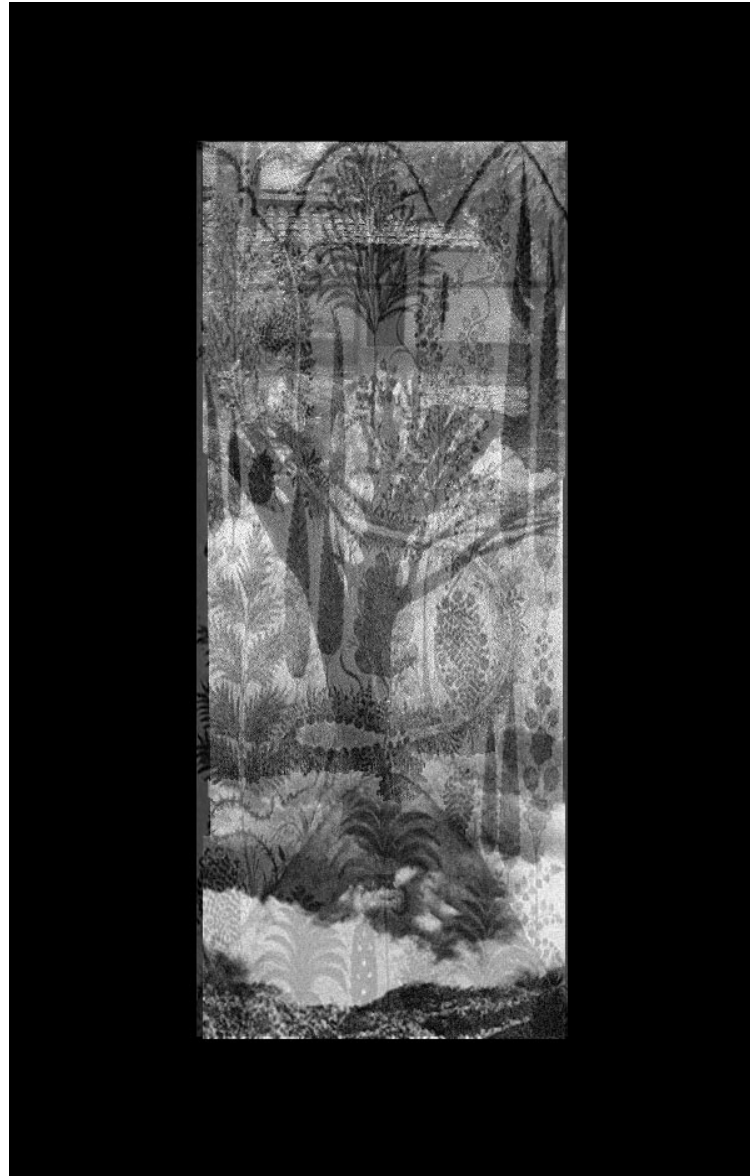
PARABLE

ABSTRACT

The text and images are a literary and photographic creation of autobiographical and fictional character.

KEYWORDS

Photography; Literature; Fiction



PARÁBOLA

Era uma vez um bobo. Toda vez que alguém queria algo, qualquer um, bastava olhar que o bobo adivinhava a tarefa e a cumpria. Era uma vez um bobo. Todas as mulheres da cidade zombavam dele porque parecia mulher nos trejeitos do andar. Aquelas por quem se apaixonava o faziam de garoto de recado aos homens de verdade.

O bobo se alegrava em cumprir as tarefas e levar os recados pensando que era útil e fazia um bom trabalho.

Numa tarde qualquer apareceu morto na beira da estrada e ninguém sentiu sua falta até o cheiro do corpo empestear a pequena cidade. As sobras do bobo foram dadas aos bichos, mas eles não as comeram.

As mulheres lavaram as casas com água, gordura e cinzas, mas o cheiro podre não passou.

O Padre, que só passava ali uma vez por três meses, que três é número místico e de igreja, rezou uma missa para amparar a alma vagabunda, todos os habitantes estavam presentes, até os cachorros foram assistir à celebração. De nada adiantou.

A carne secou e só sobrou a ossada. O mato em volta amarelou e os bichos, além de não comerem os restos do bobo, não comeram mais nada.

Desgraçado que sou nessa terra que não é minha. Perdi todos os males sendo crucificado. Entre os céus e a terra estou à frente de minha morte. A morte é um espelho. Um olhar que me devolve a mim mesmo com violência exata. Como se daqueles olhos de Boi me olhasse o Tempo, e os olhares que meu Avô lançou sobre meu Pai um dia, dentre os dias que ignoro pra me sentir um pouco mais afim com o mundo. Olhar raso. largo. profundo. Olhar cego.

Aqueles passos são os passos de Adélia, ela sai da Capela. Corra até ela. Deixe, antes, a cabeça alta, altive-se e corra no rumo do mundo. Escute o trote a seu lado. Não olhe. Mantenha firmeza em Adélia como quem foge

do fim. Se jogue no chão do mato querendo se esconder do medo. Se corte nos espinhos e arda suas pernas. Role e não contenha o pavor. Chie forte com seu peito, se sufoque, suma as vistas.

Ela acode seu pânico e te leva de ombros pra dentro da Capela.

- Segure minha mão. Se acalme, os Bois não saem do lugar.
- Obrigado. Senti um sufoco e corri sem ver pra onde.
- Eles só olham, não saem do lugar se você não se aproxima.
- Achei que estivesse atrás de mim e que não fosse escapar.

De pé, ao lado de Adélia, sintam que sua pele corar de novo. Adélia seca seu sangue com a ponta da camisa. Vocês sobem com cuidado. Suspire ainda um último ar, afoito.

Você sempre corre do que não domina. O olhar simples do Boi imóvel tapa seu olhar inconstante. Seus sentidos são suspensos. Você não controla o que não lhe é de direito controlar. Você não sabe. Você ignora.

Não conhece os pingos grossos da última chuva, mas eles jorram sobre você como cascatas batentes, turbilhantes. Você não domina sua fúria, você é fúria. Como a fúria desenfreada dos elementos cantando sabe-se lá pra que deus perdido como você no não se sabe onde do mundo.

Vocês dirão que é pura estupidez a minha,
que é um desatino lamentar-se da sorte,
inda mais desta terra pasma
onde nos esqueceu o destino.

A verdade é que dá muito trabalho se aclimatar à
[fome

E ainda que diga que a fome
repartida entre muitos
vira menos fome,

a única coisa certa á que todos
aqui
estamos em meio a morrer
e não temos nem mesmo
onde cair mortos.

Ao que parece
a perversa vem direto para nós.
Nada de dar nó cego a esse
[assunto.

Nada disso.
Desde que o mundo é mundo
desandamos a andar com o umbigo grudado no
[espinhaço
e nos agarrando ao vento com as unhas.

Nos regateiam até a sombra,
e apesar de tudo continuamos assim:
meio atordoados pelo sol maldito
que nos afunda dia a dia aos pedaços,
sempre com a mesma seringa,
como se o rescaldo quisesse reviver mais.
Embora a gente saiba muito bem
que nem ardendo em brasas
acenderá a nossa sorte.

Mas somos teimosos.
Talvez isto tenha conserto.

O mundo está inundado de gente feito a gente,
de muita gente feito a gente.
E alguém tem que nos ouvir,
alguém e mais alguns,

embora arrebetem ou devolvam nossos gritos.

Não é que sejamos rebeldes,
nem que estejamos pedindo esmola à lua.
Nem está em nosso caminho buscar depressa a
[pocilga,
ou arrancar para a montanha
cada vez que os cães nos esfaqueiem.

Alguém terá que nos ouvir.

Quando deixarmos de roncar feito vespas em
[enxame,
ou nos volvermos cauda de redemoinho,
ou quando terminamos por escorrer sobre a terra
como um relâmpago de mortos,
então
talvez chegue a todos o remédio

- Você passou um sufoco.

Te ri José. Adélia entra e vai buscar retalhos.

- Foi sim, achei era o fim vestido de Boi.

- Precisava correr não moço, era só sair mais pra longe que tava resolvido, sem querela. Os passantes daqui vivem por dizer que o Boi quando fecha a estrada não tem jeito, não arreda pé. É só ver um danado dum Boi que eles voltam perguntando se existe outra trilha. Né nada disso não moço, quem baixa a cabeça passa em qualquer canto desse mundo, o Boi nem nota, é só baixar a cabeça, sem perder respeito pela gente que isso é coisa que todo bicho desses que avançam sente o cheiro e vem de trote, é só saber baixar sem perder o respeito.

É tempo de esculpir com mãos crianças os troncos das árvores, de apontar a cabeça por cima da copa e gritar:

- o Rei da Árvore!

Árvore da Vida

, arvoredo de gangorras altas...

não é isso o que mais te dói: deixar Ele o andar criança, desapressar o passo calejado, pra alcançar o seu... nem o compasso das mãos de menino, recriadas nuas, cruas, pra alcançar no vento as mãos do Avô, hoje partido.

É o esquecer o que te dói, seu esquecer de as alcançar sorrindo...

Era o olhar do Avô

solto feito reza de má sorte

quando aquele olhar se perdia

Adélia anda há dias arrastando a irmã Menina. Ela pede. Adélia dá o caldo.

A Menina fazendo barulho pra beber.

- Onde vamos Adélia? Cadê Papai? Tenho fome.

Adélia dá pão, o último.

- Coma devagar Menina, assim você engasga.

É que a fome é maior que o cuidado. A Menina engole a massa crua de trigo e feijão.

Adélia menina mulher puxa a irmã. A Menina se irrita abanando os mosquitos.

- Péra, Délia.

- Anda que ainda é dia Menina, limpa o rosto e vem.

As árvores não têm sombra. As duas caminham.

Se ajeite na escada, Adélia te limpa os cortes. Que eles ardam.

Sentado no Batente, num degrau de escada surrada, não sinta, Respire, ouça, José fala, José não fala com você, fala atijando as galinhas de volta pro poleiro.

Procure, procure os olhos, os olhos de Menina, aqueles grandes lagos ou manchas luminosas refletem os céus. Aqueles, esses olhos, Seus olhos, palavras sutis que escorrem dos céus como o ar dos verões, daqueles céus de verões escorrem rios até que sua terra se sacie e seja farta pra encontrá-los. Veja, olhe, os céus não terminam onde começa a terra, naquele espaço terra céu você caminha, você se lembra, menino só, no quintal enorme da casa do Avô. Naquele quintal maior que o mundo você vê toda gente que passa, eles não te vêem. A única que te viu na sua lembrança foi aquela cigana que te pegou pela mão, você sentiu medo, porque as avós sabem como ensinar a gente a ter medo dos ciganos. A cigana Sem-rumo te pega pela mão e não canta sua sorte. Mãos sem linhas não entregam seu destino. Você corre com mais medo da cigana que dos sentidos, sem linhas de destino.

- Precisa medo não, o Boi não avança, só olha. A gente que é da terra sabe disso e nem se dá com os olhos deles. Pra você que vem de fora não há de ser diferente não.

Quando eu era menino o Avô ensinava que na verdade o Boi não enxerga a gente, é como se a gente nem existisse. Eles só sentem que estamos ali, o calor do corpo, que isso é coisa que ninguém nega, todo mundo sente. Mas o olho do Boi não vê e ele fica ali só parado, olhando, querendo enxergar o que não vê.

Falava também que a alma, quando fica perdida e sem rumo, se perde porque não tem olhos de ver. Ela fica procurando o calor de quem passa e vai atrás. Mas isso são coisas que meu Avô contava. Também deve ter ouvido do Avô dele.

- É, mas quando eu corri ouvi que ele vinha atrás. Não olhei nem de lado. Achei que fosse me danar. Tropecei no mato, cai no espinho pra fugir dele, daquele Boi enorme.

- É, mas não ai acontecer nada não, é que o senhor não é daqui dessa grotta Puiúna. Puiúna é nome de passarinho viu moço, que é única coisa que tem pra todo lado.

O moço dá licença que tenho que ir lá em baixo prender as vacas.

- Pois não José.

SERRAS PUIÚNAS

José da Costa é dos mais pobres do arraial. Vive numa casa caída com mulher doente e velha, mais por causa da miséria que dos anos. Vive com mulher e três filhos que carregou quando o marido dela foi-se embora. Aparenta saúde, mas José da Costa é incapaz. Sempre teve problemas com bebida e há anos que não tem força, principalmente quando as entranhas trancam e o fígado falta. Por esse motivo fica sempre com os trabalhos mais sujos: limpa os currais e as latrinas da Fazenda. Assim, ele acaba não servindo pra mais nada. Dedicar-se então a manter limpas as partes imundas. Ganhou apressado da patroa por isso. Tem boa vontade no trabalho. Nunca deixa um pedaço de chão sem seu asseio. Num trabalho como esse pouco importa se anda sóbrio ou bêbado.

Quando não está na sede da Fazenda ajuda o Padre com a Capela. Não que seja grande, mas naquela baixada onde fica sempre é lameada de barro e merda de bicho. Faz o serviço com o mesmo capricho e por isso ganha umas poucas bênçãos, e a promessa de ter dos céus o pagamento pelo trabalho.

Não ganha mais que comida e teto, mas seus braços não desocupam. José cumpre missão. Na Verdade, é isso ou morrer de fome.

Perdeu todos os males sendo crucificado. Veio pra Cascata na remessa de trabalhadores de café. José da Costa veio de um dos vários vilarejos do Vale das Serras Puiúnas Mineiras. O povoado mais próximo da Fazenda

dos Prata é o da Ponta da Cascata, dois dias andando ou um no lombo do jegue.

Veio com outros, com uma outra gente solta e miúda feito ele, gente que anda com a terra. Gente sem nome e sem registro, gente viva e gente morta, vieram todos, trabalhar, crescer e multiplicar, fazer crescer a terra e não tirar nada.

- Aqui a terra é grande José, mas sua força foi embora. Choveu tanto que a terra barrenta escorreu e se virou em pedra, pedra dura, afiada, pedra que existe embaixo de qualquer pedaço de terra aqui nessas Serras. Só serve bem pra alimentar o mato e as pragas.

- Quando cheguei aqui, meu filho, tudo era paisagem. Por aqueles Tempos. Depois se resolveu o futuro do que haveria de ser. As pedras brotaram no lugar do alimento e junto com a terra todos se foram. Agora me vai você, o último dos meus três, meu último menino.

- Aqui o dia se fez Noite, José. Quando a chuva desce dos céus pela última vez, quando o céu fende e se derrama nas nossas cabeças, quando as estrelas se afastam e as montanhas mudam de lugar, quando o calor do chão é apagado e o frio o cobre com essa manta clara e úmida, então é hora de partir, com as covas reviradas, com precipícios entre as pernas e as vistas, porque as águas do céu podem faltar ou cair de sobra, fazer a terra morrer em buracos como as palmas de qualquer mão, ainda que qualquer dessas, com o tempo, insista em fechar-se num cabo de enxada ou de foice, a terra, também traçada de linhas como as palmas das mãos, pode negar o alimento, e todo o mais desse destino da terra está explicado nessas linhas estradas de ir e vir, entre torrões ou mato, entre o café, que encharca o ar na florada, e a flor brava, que não dá cheiro, como as palmas ou o deserto, que não firma suas linhas de areia em estradas nem indica caminho certo. Depois de tudo, José, tanto faz morrer ou seguir, já que daqui ninguém se vai quando é chegada a hora.

- Um homem pode andar por aqui uma vida toda sem se achar, se já nasceu perdido. Mas imagino que o frio e a fome, ou o calor lhe deitem à carne os caminhos que a terra não deu por ele, como uma doença que não lhe dá tempo pra pensar nisso, menos ainda de chamar por alguém, menos

ainda de saber que as horas já o deixaram, que sua carne acabou para o tempo e a vontade de revelar-se mudou com a paisagem, numa vontade de esquecer. Lembre-se, meu filho, das linhas, da palma, dos nós dos dedos, das vidas de uma outra hora que são os ossos que sustentam seu corpo, que são histórias o que bombeiam suas veias, que são parte de sua vontade de esquecer e de partir. Então verá que os rios guardam, que seu sangue atormentado guarda, liquefeitos, a alma. A alma que sabe das histórias do que você fez, e do que deixou de fazer.

Quando vim pra cá, meu filho, com sua Mãe e irmãos, você era ainda um bebê. Parávamos de andar sempre que Ela te atendia ao choro esticando o peito, já de pouco leite, de um leite empedrado, pouco mais que o engano da boca. Eu parava com zanga e ficava te olhando ali dentro, naquele íntimo. Ela dizia que de certo minha cisma era que não sabia o que é carregar um filho. Certo que sim, porque nunca tive filho que fosse meu. Vindo das Puiúnas, meu filho, a vista é tão alta que de lá de cima a gente logo acha que o Mundo não é de todo conhecido por viva alma. Se escolheu partir, meu filho, leve um troncho desse chão contigo. Olha antes o céu daqui, que é um jeito antigo de ler essa página aberta em cima das nossas cabeças. À Hora Alta, defenda o corpo e proteja a alma, porque é nessa hora que começam a vir as assombrações pelos caminhos, passam leves feito um vento frio ou saem das portas arruinadas pra encontrar os viajantes, a eles fazem as perguntas que ninguém responde: quem é você? de onde vem? pra onde vai?

- Essa terra virou um poço negro, silencioso e cheio de ecos. Ainda se ouve nas pedras a latida dos cães que já morreram. A vida aqui é um sussurro. A vida aqui é sempre um único sussurro de vida. O vento deixa a noite mais clara e a gente enxerga o passado, naquela areação clara da noite. Os ventos da noite mudam as cores das coisas. Os sonhos nos acabam, debilitam. E as vozes das recordações, sonhadas ou vividas de corpo quente, mandam chamar as vozes dos se foram, se é que algum dia a morte teve voz.

Não vou ficar, meu Pai, vou partir e parto já. Não quero as sobras de uma vida que não tenho aqui. Venha comigo meu pai?

- Ganhei uma sobra de terra, vou plantar milho. O milho pega bem lá e dá boas espigas. Também vou cuidar das duas Meninas que Maria da Glória deixou. A mais nova é criança e não agüenta Viagem.

Vai em paz Mundico, meu filho, atravesse essa velha ponte-do-acabamundo e, quando puder, levante a cabeça se lembre desse seu Velho Pai.

Águas da Prata, primeiro verão de 2006

O Agora é como se a vida fosse sendo lida por olhos estranhos. Olhos avessos, apenas olhos. Esses olhos que não podem – mesmo com toda a verdade que o olhar prova – esses olhos não podem me socorrer, testemunhar o que Vejo. É que a Verdade não é feita por testemunhas. O que vejo ninguém conta, eu mesmo não conto. Pode ser que eu saiba, mas sabendo como quem jamais vai entender o que vê. Esses os olhos que me lêem agora, nessas páginas, nos dias flutuantes meio-interno Vazio, meio-externo Palavras, são assim como os daquele Boi, que vê sem me ver, sem depois ter que Lembrar que me viu. Minhas Verdades devem estar, exatamente, nos Lugares que não posso Ver. A Verdade não deve ser pequena, assim, do meu tamanho. E depois não entendo. E depois não entendo o que não existe para ser entendido. Me veja agora apenas como alguém, com olhos soltos, vê. Veja:

Os anos o deixaram cada vez mais tranqüilo, de uma tranqüilidade insone, de olhares perdidos. Um dia se levantou do banco ferroso da varanda e sumiu. Pé descalço era comum nele. Homem alto. Tão mais alto quanto permitia minha infância. Pele vermelha de pele encardida avermelhada de um vermelho suado e forte. Não tinha ainda deixado a casa, mas seus

olhos o antecipavam. Sempre foi de andar muito, por gosto, empurrando o carrinho feito a mão e sem dizer dia certo de voltar pra casa.

Quando fui procurar por ele queria dizer pra me levar junto. Tinha partido. Não disse palavra e partiu.

Pensei maldizê-lo. Esquadrinhar de suas entranhas um sol de sangue, cortar o cordão, queimar cabelos, rasgar do jardim mil e uma pétalas de dama-da-noite. Não faz sentido, pensei por três vezes. Achei melhor, sem esquecer as rachaduras no solo seco daquela mão, sem desviar o corpo dos tiros de sal e da sede que sufoca sem saliva, achei melhor me guardar trancado diante dele, como se não tivesse nada, e eu não tinha nada a dizer caso o tivesse visto. Melhor me embolar no seu ventre e fazer por mim a conta de não ter nascido. Mas eu queria dizer alguma coisa; e eu pensei, o Vô também tinha algo a dizer e eu não vou escutar, uma alguma coisa que tem que ser guardada de cantinho, mas a única coisa que pude ouvir, sem tê-lo visto, foi um grito de Pai quando o filho morre no parto; ouvi seus olhos gritando o secume do corpo, soltando um hálito quente, mal cheiroso, e não pude dizer nada, ou até podia ter dito, quem sabe, mas meus olhos estavam escuros; mesmo assim eu podia ter dito. Podíamos demolir a casa, atirar os pratos de louça encardida e os relógios de areia pela janela; tocar fogo no mato, atijar os bichos com ponta de brasa, depois dar a eles toda a comida que tínhamos, junto com as moscas e os bichos de arroz, gritar com nosso vento até que as mangueiras centenárias ficassem sem folhas; não era impossível dizer: vamo Vô, cavar a terra doída e buscar água na cisterna pra amassar o barro e soprar nele a vida. Mas como eu podia empunhar as lembranças e refazer o silêncio da casa e das tardes na varanda vazia?

Era desse silêncio que eu precisava naquela hora, daquele olhar de um mundo velho e sem porteira, daquelas paredes de barro amassado no Dilúvio, daquele ventre de vento em pele de fogo; era, ainda é, aquele passo trôpego, recolhendo a força recatada do Pai de família, e o ímpeto áspero da língua que eu reconheço em mim; também o silêncio úmido dos olhares cabisbaixos que carrego com medo de descobrir as palavras que acobertam.

Foi assim que ele partiu, solto na corrente, sabendo de cor a sorte que leu no livro dos dias, cantando coisas ouvidas sem saber de onde nos últimos dias do momento em que nasceu; a verdade é que eu não queria nada com aquilo, criei essa verdade pra me deitar à noite, criei muitas outras pra não precisar dizer nada.

A Verdade tem que estar, exatamente, nos Lugares que eu nunca poderei entender.

A Menina entra e pergunta à Adélia por você. Ela diz que está bem e conta o acontecido. As Palavras de Adélia saem esvoaçadas daquele seu interior antes de encontrar a boca. Adélia fala pelo barulho dos ventos que vêm de dentro e machuca o ar quando mexe a boca, dizendo. Na verdade você só vê a boca dela se mexendo, não ouve. Pouco importa agora, oh meu Deus, pouco importa pra essa história o nome que você tem. Agora só te importa ver a boca de Adélia se mexer e os olhos da Menina tremeluzindo, adivinhando as Palavras que Adélia não pode dizer. São olhos com olhos do corpo os olhos da Menina, sem importar se você está ou não nos olhos dela, o corpo vê.

Ele veio para Cascata porque disseram que aqui encontraria seu Avô. Sentou-se sobre o batente da porta de pedra e ouviu a chuva que não caía. Esperou chegar o dia. O dia não veio. Aqui os dias não são escuros, são dias sem luz. Ele ensaiou um caminho, os olhares dos bichos o cercaram. Sentou no limiar e ouviu.

José volta do serviço com as vacas. Veja José. José sobe a escada, ele se arrasta no chão embolado com a terra, escorrega, baixa a cabeça pra tentar subir de quatro. José anda e a terra torcida se solta dele.

Olhe, firme a cabeça nas mãos e enxergue melhor. Suas mãos se soltam, solte, como as de José na terra batida. Por trás te chega a figura aflita de Adélia gritando um 'livrai-nos', ela acode com um sinal da cruz apontado pro Pai.

Você vê a mulher pondo aquela cruz na sua frente e pensa que ela vê um demônio. Você não vê o demônio, vê José, seu vulto. Você olha e vê, veja, José está dissolvido na terra, aquela confusão de terra que é José fala com você.

- Não carrega as memórias daqui, você trás no corpo uma saudade que não sabe de onde e não pode conter o passo. Veja o corpo morto que carrega nas costas. Você busca respostas, mas não conhece as perguntas, quer ouvir e não sabe falar.

Se ajeite, umedeça os lábios, solte nas costas do cristo a culpa que por ele carrega.

Seus olhos são espanto redondo e estalado espanto. Você fecha e abre os olhos, você esfrega os olhos e sente musgo pestilento e terra moída. Você ouve, ouça um verbo, um princípio de mundo, a terra não existe se não for fecunda.

Adélia traqueja uma aflição sagrada. Você firma os olhos em José e ele é a Víbora. Ela arrasta um corpo gordo na terra e José vem montado nela, na Cobra que te vem pedir a conta das faltas:

- Você faz coisas estranhas meu filho. Sempre teve um teto, a casa arrumada, a roupa limpa, mesa e alimento. Faça um esforço, não dissimule, não esconda nada do seu Pai. Você partiu sem dizer Palavra e também me deixou sem poder dizer.

A Cobra te vem com José nas costas, fala alto com você porque roubou a voz do homem.

- Acontece que muitos trabalham, meu Pai, gemem o tempo todo, exauridos por fazer o impossível, e nem assim acalmam a Fome.

- O pão sempre esteve à mesa meu filho. Nunca lhe foi negado o alimento e sempre foi esse o meu desejo: ver você à mesa na hora de partir o pão.
- Tive o pão, meu pão, mas não tive Lugar. Repartir o pão sem ter à mesa um Lugar é uma crueldade. Comer dele só alongava minha fome.
- Não há sentido no que você diz, só palavras doentes e blasfemas.
- Sim, blasfemas sim meu Pai. Sendo blasfemas é que me queimam a Fome de dizê-las.
- Fica quieto. Afasta o escarro das palavras e recobra a consciência do que está dizendo.
- As Cabras é que precisam matar a Fome, minha fome não é como a delas. Eu só precisava de um Lugar à mesa, querendo dizer o que nunca disse.
- E o que foi que nunca disse? O que foi que nunca disse filho?

)

as horas

horas

dizem assim

nunca se diz

assim

o que nunca se sabe dizer

o chão molhado de luz

os astros

noites claras do deserto

o Sal

o sêmen

o suor da pele

em fogo

da pele lavada do Silêncio

(

- O que tinha a dizer, meu Pai, já não me diz nada. Pra que empurrar o mundo se já tenho as mãos atadas? Não vou agora dar a chance de me atar também os pés. Pouco importa o rumo que as coisas tomem. Já não vejo diferença em andar pra frente ou pra trás.

- Não é possível que só pense em si mesmo.

- É pensando em mim mesmo, pai. É pensando em mim que me lembro das horas, e escuto as vozes difusas perdidas naquele fosso que cavei sem me surpreender com a água transparente que ainda brota lá no fundo. E reencontro nesse sonho nossas vergonhas mais escondidas, traídas no corpo curvado, no amarelo dos dentes, nos olhos sobressaltados quando nos vem a ira. E é à mesa que me olho, com as mãos sujas de cultivar o próprio alimento, e me calo à hora exata, ao alimento nunca antes repartido da Palavra.

- Cale-se! Não vem desse fosso nossa água. Não vem dessas trevas nossa luz. Você não sabe o que diz. Não vejo sentido algum em suas palavras. Vejo apenas você e seu orgulho. Nunca te faltou nada, sempre pôde e pode dizer o que quiser, mas você nunca soube dizer, não soube e não sabe, porque nunca aprendeu a ficar em silêncio, e meditar no tempo e tirar dele o amadurecimento dos seus frutos. Até quando sua Palavra áspera me feria, eu aplacava meus olhos de Pai e te estendia apenas a medida exata que pede a boa educação em família. Não pode o Pai negar educação aos filhos, e a medida dela é coisa que só os pais sabem.

PARÁBOLA

Um dia, entrou um homem clandestino na cidade e mendigou alguns trocados. Naquela cidade era crime que alguém mendigasse, porque a colheita era farta e todos tinham o sustento de que precisavam.

Apareceram homens fardados e o pobre foi levado ao Juiz.

- Você não sabe que nossa terra goza de uma generosidade tamanha? e que aqueles que trabalham a terra jamais sentem fome? de modo que nessa cidade mendigar é um crime contra a boa vontade da terra?

- Sei sim senhor, mas minha intenção é ficar só um pouco. Como posso contribuir com tamanha fartura se meu desejo é partir? Só me resta aceitar a generosidade dos que passam.

- Você cometeu um crime, e será punido conforme o costume.

- Se esta é a lei, que eu seja um exemplo. Qual é minha punição?

- Você deve deixar aqui tudo o que carrega e caminhar de joelhos até o cume da Serra. Vestirá uma túnica amarela com desenhos vermelhos mostrando as vergonhas que denunciavam seu crime.

- Quando eu chegar lá em cima, o que devo dizer?

- Não dirá nada. Aquele que mendiga o pão numa cidade como a nossa não tem voz. Você contemplará a colheita e agradecerá à terra.

- E depois?

- Será consumido pela dor, irá embora sem nunca mais voltar.

Assim foi e o clandestino partiu.

Na madrugada, você está exausto junto ao último regato. A água é negra de noite e não faz barulho corrente.

A Serra sobe aos céus, se perde lá por cima e torna a subir mais longe aos céus distantes

Você não saberá o crime que cometeu até que a Lua chegue.

Você não tem fome. Bebe as lágrimas e engana a sede.

Você parte

voe um vôo

branco

na Montanha que guarda o Deserto

um homem vestido de Sal o recebe

um Pássaro nunca visto repousa nos ombros do homem

seu corpo Clandestino jorra o suor que embebe o chão

no Palácio de Areia

o pássaro canta

com olhos fechados

a areia branca vibra aquele sopro de vida

seus ouvidos tremem clandestinos

mundos cessam e são refeitos num gesto de olhar

para mudar o que vê é só mudar o que sente

ninguém conhece os motivos de sua dor

uma vez que o Rei o tenha banido

a você, que se julga inocente,

só resta deixar de existir

- Levante-se, ouça a dor do pássaro – te fala o Homem no clarão da Lua.

Outras dores choraram Homens de tempos antigos. Aqui, no alto da Noite,

essas vozes se deixam ouvir quando os pássaros fecham os olhos e

cantam as lágrimas de seus mestres, que atravessam terras lúcidas,

ensombradas.

Homens que atravessam vales por onde não há a pretensão ou desejo.

Sentem na alma o vento frio cuja violência devasta num instante um

espaço imenso. Os sete oceanos já não são então mais que um charco de

água; os sete planetas não mais que faíscas; os sete céus, um cadáver; os sete infernos, gelo moído. Sem sentido nem espírito.

E então, sem que se possa adivinhar a razão, a formiga, coisa admirável, tem a força de cem elefantes, e sem caravanas perecem no espaço de tempo que a gralha leva pra encher seu bico.

Para que Adão fosse iluminado pela luz celestial, anjos vestidos de verde foram consumidos pela dor. Para que Noé fosse o carpinteiro de deus e construísse a arca, criaturas foram privadas da vida. Por Abraão, mosquitos caíram sobre os exércitos de Nemrod para que esse rei fosse vencido; crianças tiveram a cabeça cortada para que Moisés visse aquele que É; pessoas tomaram o cinturão dos cristãos para que Cristo fosse o confidente dos segredos de deus. Almas e corações foram submetidos à pilhagem para que Mohâmmed subisse uma noite aos céus sob o cantar dos pássaros.

- Peça a ele que nunca cesse esse canto, para que as pessoas do Vale de onde venho também possam ouvir suas histórias.

- silêncio, liberte-se da dor da palavra. você julga ouvir algo, mas as palavras que jorram a Língua do Mundo são silenciosas. apenas os que se alimentam desse avesso da Noite e do Frio são capazes de ouvi-las. julga estar de pé sobre a terra e a poeira? todos os Vales que a vista alcança daqui são o mesmo Vale que agora se vê, suas histórias não são contadas por pessoas, mas pelo canto do pássaro que governa as Serras Puiúnas. tudo o que as vistas miram daqui, num giro, são as bordas do ninho, as histórias que se ouve passante por esses Caminhos são contadas pelos próprios caminhos.

- Mas sendo Clandestino não compreendo as palavras dos que me julgaram.

- Queria alimento, o Canto do Pássaro lhe foi entregue. Queria aquecer seu sangue e o frio da noite o fez sentir que já estava quente. Queria ser Homem e as histórias do caminho me trouxeram até você.

Daqui todas as coisas te parecem mortas. Formas a um homem sem visão, que as paredes morfadadas não entregam, pois que ele não as compreenderia.

É espantoso que esteja aqui, e não conheça esses Lugares. Como alguém que está em si e não sabe onde está. Esses Lugares envolvem seu espírito lúcido com o nevoeiro da dúvida, ansiedade e paixão. Os irremediados vivem um pesadelo desperto.

Olhe com os olhos fechados e ouça o canto do Pássaro.

Se sinta nítido, perceba que a sede, simplesmente sede, guarda segredos maiores que Palavras. Palavras não têm sede.

É Noite. Noite essa, aquela noite, noite que tingem de luz as asas dos anjos. Histórias cantadas e saudades, Lugares que não vêm.

A poeira do ar treme uma luz fina, seus olhos Clandestinos encontram, veja, sua própria imagem, seu corpo, seu respiro, você atravessa o Paraíso, vai por uma Estrada cujas árvores não fazem Sombra. Carrega mochila nas costas como quem traz um desejo que não conhece. Você te olha daquele Paraíso, denuncia aos seus olhos sua própria Presença, uma exatidão violenta.

Se assuste se debata contra si. Você, por debaixo daquele ar gorduroso se domina e se abate. Um cheiro grosso te entope as narinas e raspa a garganta. Um nó te sobe o estômago, um nó torcido numa dor aguda de ponta de faca. Você se agita, se agite de um lado pro outro.

Uma puxada pro chão com uma pancada na cabeça, suas vistas se fecham, minutos antes você se lembra, desacordadas.

Ou então não sei dizer porque só sei o que quero quando erro. A sombra do erro afasta o receio e estala os olhos, consagra a pele. É errando que não erro o que digo. É aí que teço malhas de frases que trançam o tecido opaco da vida, a tensão flutuante entre o que fiz e o que deixei de fazer, nessa vida que por tanto tempo cultivei secretamente. Ressinto dar as chaves, como se pudesse fazê-las Sentido. Ressinto sentir nos tecidos grossos do meu corpo o rasgo da incompreensão, o corte do entendimento. E eu, que pensava que encontrar minha Verdade fosse calmo e harmonioso, uma chispa, um isso e tudo estaria feito, e eu estaria livre. A Verdade o fará livre. Não contava que esse achar fosse um grande desencontro. Como as coisas que esquecemos e nem sabemos que esquecemos. A hora de encontrar é um perder-se de si.

Quando eu era criança escolhia amigos imaginários pra encher meus momentos com suas vidas imaginárias que não deixavam de existir por serem imaginárias.

Como se a vida não fosse imaginária.

Como se pessoas não fossem sombras de Luz refletidas na Tela imensa da memória.

Também quando te vejo, se puder te ver e suportar sua uma presença que não vejo, invento um modo da sua presença desconhecida. Junto de você, que me lê e me imagina em Segredo, começo a me tecer em malhas de carne e de Palavras.

E não sei porque imagino essa sua presença e te digo isso. Não as digo à mim.

Talvez porque assim eu comece a morrer contigo e ganhe em você uma existência que não é minha.

Talvez contigo eu comece, sozinho, a aprender a não existir.

Até te deixar em paz.

Quando eu era criança vivia falando pro Nada.

O Sol declina. A claridade é fosca. A Luz tombada pela Noite molha o ar de uma tintura ruiva. Paro, olho o Sol e é a primeira vez que olho. A Menina

passa, chora. Levou Adélia e a deitou no quarto, agora passa por mim e chora. Não vejo José.

- Vai ser sempre assim, sempre assim.

A Menina fala sem me ver. Está ali onde está, fala.

- Quer dizer alguma coisa? Pode fingir que não estou aqui, se ajudar. Diga, vai se sentir melhor.

- Não moço, tudo o que tenho a dizer é mesmo pro senhor, não deixo de olhar nos olhos pra dizer o que tenho aqui por dentro que isso é coisa que não faço. Não me olhe nos olhos o senhor, se quiser diminuir minha presença e isso for torná-lo mais seguro pra ouvir. Não é só Palavra não moço, o que sai da gente quando a gente fala.

José é o único homem conheço, toda Vida foi assim. Por esse Lugar passam poucos viajantes, nenhum fica, só os vejo de passagem e não dizem bom-dia quando passam. Eles vêm pela mesma estrada que o senhor e se vão por ela, subindo o morro que dá na Prata.

José e Adélia me criaram assim. Às vezes penso que Adélia é minha Mãe. Ela não diz. Ficou um tempo sem falar comigo quando perguntei isso. Foi como se a Palavra Mãe tivesse virado ela do avesso. Passou dias quieta na Capela, num oratório que não tinha fim. Até que aquele sinete tocando dentro dela ensurdeceu.

Minha Mãe não pode ter morrido de picada de Cobra não moço. Nesses anos nunca vi uma cobrinha a toa por aqui. Quando a gente cresce assim, só, não deixa de notar nem numa formiga que anda da cá pra lá carregando a mata pra dentro do chão, e eu nunca vi uma Cobra. A gente ouve os pássaros e conversa com eles porque eles trazem canções belas, que ninguém sabe de onde. Feito as que Adélia cantava quando eu era mais nova.

Minha mãe não morreu não moço, ela também partiu. O Pai veio buscá-la e ela foi junto.

José vai na Cascata às vezes. Nunca fui com ele, não sei como é. Ele sempre volta assim, com esse fogo no corpo, e cheirando mal, por dentro e por fora, é um cheiro azedo e travoso. Adélia diz que é bebida. José não é

mais José quando está assim. Mas meu Pai nunca deixa de ser Pai comigo. Quando Ele está assim Ele não me olha, não fala comigo.

Às vezes penso que é pura bondade dele.

Não sei falar porque quando Ele está assim Ele me rouba os olhos.

É. O Agora é. É simplesmente Agora. Entre você e ela, a raridade do ar, rosado, uma água suspensa, sem cheiro nem movimento. É, exatamente, Agora. Um Agora maduro. Pré-história do amanhã. Agora é o Tempo inchado até os limites. O Tempo freme como um balão parado. De repente chegará a Noite, que será Noite como Agora.

A Menina chora. Você calmo. Olhe os olhos da Menina que chora. Esses olhos calmos como pedaços de lagos chovidos dos céus. Olhos que olham sem procura. A maior coragem de um corpo, que também chove, sem saber pra onde, quando chega o Agora de ser um só com a terra chovida, é saber olhar o que não vê.

O amanhã será exatamente como o Agora. O amanhã será de novo um Agora.

De tão assustado, fique quieto dentro de si. Agora é chegada a hora de sentir.

Sinta que seu calor não é o calor do Sol, que esse calor também pode ser tranqüilo e frio como a Lua. Veja nos olhos da Menina sua possível Noite enluarada. Respire. Você a olha nos olhos e respira.

- Quando cheguei aqui tudo se fez Noite, não soube o que fazer. Não soube pra onde andar. Meu desejo era seguir em frente, mas eu não sabia onde ir e sou um viajante que não passa. Cheguei até aqui Menina, atrás de uma sombra de lembrança caminhei até aqui e cá estou, mas por si só isso não basta. Não me basto e no Agora te olho pela primeira vez. Não É como se eu nunca tivesse te visto, É o contrário, É como te ver por todos os lados.

Também quero te dizer o que É essa busca cega. Secreta. Como entrei sem entender nesse intervalo vermelho entre o claro e o escuro. Como ouço de você a verdade misteriosa das coisas.

É do Seu Silêncio, Menina, que preciso agora. Desse seu Silêncio avessado como a respiração das coisas e o caminhar dos corpos dos céus. Não sei se entendo o que falo, mas pelo jeito como me olha sei que não vou, porque não preciso entender. Estou tentando falar sobre como atravessei o mormaço e o ar gorduroso até o Agora me incendiar a cara e fazer ver o deserto.

De repente é isso. Te olho daqui como quem pede, ainda, os últimos restos do Mundo. Cada vez mais e mais e mais remoto, remoto que sou, continuo a pedir, a me agarrar aos últimos restos do que sou. Cada vez mais tento não me levar pelo sono desse ar que envolve e traz ao deserto.

Eu pensava que o deserto fosse calmo, Menina. Que suas formas fossem como são Agora. Mas descobri que o deserto é vivo, e tive que entrar nele pra descobrir isso. O deserto é um milímetro de tempo que pode iluminar uma Verdade ou fazer perder tudo o que vi. Nesse momento não sei saber o que dizer, o que perguntar. Isso é porque já tenho a resposta e não sei a pergunta. Sem entender a resposta, fico no Averso tentando encontrar o que quero saber.

O deserto é vivo de uma vida que inflama. Um fogo que coagula os olhos e faz o deserto ser meu quando sou o deserto. Mas não um meu que caiba nas mãos. Meus punhados de areia nos dedos.

Também não é tão areado assim, todo o tempo. Porque pra eu poder colhê-lo nas mãos ele também quer ser meu. Nos intervalos em que o Tempo pára e as areias ficam nas mãos é quando tudo na gente pára, e somos o deserto recolhido por alguém, nós – veja, aquele deserto, este – nas mãos.

Quero dizer Agora Menina, o que meus olhos não dizem, mesmo que eu os abra e te mostre aqui por dentro.

Olhe o deserto. Você sabe que esse olhar te levará a andar com um cajado por muito tempo. Muitos foram e são os que andam com cajados no deserto. O deserto não tem adornos. Não tem montanhas. O deserto não tem grotas rochosas. Nem a Noite salpicada da Chuva que não chove. Chovem os olhos da Menina, que te mostra a Noite e os desertos.

Agora a dor não é mais isso que se chama dor. Dor não é dor. Dormi acordado contigo. Anestesiado pelo sonho é que posso ver, Agora, em seu sonho, Menina, que os Lugares são vivos. Tudo é como um amor desconhecido que me desaba. Amor que não é amor.

Meu estar acordado e a procura foi um caminho mais longo, um Lugar maior que Eu. Isso porque quando vim pra cá eu procurava Ver, não Ser, os Lugares. As pedras não passam de minha cintura e são maiores que eu. As pedras passam de infinitos pra infinitos sem perceber. Sem-perceber é a chave que você me deu.

Busco meu Avô porque preciso de alguém que não seja o que quero que seja. Seja. Espantado com a força dos ódios e amores. Seja. Um alguém que não precisa entender o que sente.

- Nunca senti medo moço, porque nunca tive do que me sentir. O medo pra mim é uma casca dura que a gente usa pra se amarrar e não sentir nada que não seja medo. Os medos que sinto são os de José, de Adélia, que são um sofrimento de grande saudade. O medo deles é um procurar alguma coisa que é perdida e faz falta. Aí vem a espera e essa esperança é o medo maior que eles carregam. Eu sinto aqui comigo o medo deles, essa espera. Esse medo às vezes vira uma alegria daquelas que tomam a gente e não dão Lugar pra sentir mais nada. É uma alegria Avessada do medo. Posso ver isso saindo da pele deles dois, pela pele que é grossa e cheia de Palavras.

Adélia conta, mamãe contava, tudo o que a gente sente, não sabe que sente. Porque a esperança gruda nos sentimentos e a gente não sente. Dentro da gente não existe nada, moço. Porque quando a gente vive, a gente vive pra fora, e o que está fora não é como o que está dentro, a gente senta e espera, e emedresce. A gente fica olhando daqui do nosso chão a passagem delas, das coisas, e não as encontra porque não pode, porque a esperança é que elas entrem na gente.

Mas as estrelas não giram no céu por nossa causa moço. E foi isso que Mamãe disse pra Adélia e Adélia não me contou, mas eu sei que Mamãe disse.

Cresci olhando, vivendo por dentro uma vida que é igual a que eu vivo por fora. Não quero que as estrelas desçam porque tenho estrelas no meu dentro.

Vou vivendo por dentro uma vida que é igual a que eu vivo por fora. Sem mim, as estrelas continuam nos céus, o Sol nasce e se apaga, chuva cai e vento geme. Não são por mim as estações. Tenho por mim um querer que é igual ao delas, o de estar aqui seguindo, girando, não mais que estar aqui.

- Quando pisei esses Caminhos eu era ainda o que sou Agora, uma lembrança e a vontade do Avô. Agora inda sou o que Agora me carrega. Por fim, a desistência tem que ser uma escolha. E não há como escolher quando desisto porque o esforço pra escolher é o mesmo de desistir.

Vi você com meus olhos, menina. E sei que quando vi foi porque você escolheu ser vista. E sua entrega a mim é o único ultrapassatempo que não me excluiu. O seu deixar-me te ver me fez tão maior que não mais me vejo. Me vejo tão grande como uma paisagem de longe. Te vi e você me mostrou, quando te vi, tão mais remoto em minhas montanhas e meus rios. Era eu ao longe, tão mais longe que tudo aquilo que sinto. Quando você me escolheu e se entregou ao meu ver vi que o mundo independia de mim. Quando você me escolheu e se entregou ao meu ver vi que o mundo independia de mim. Escolhi pensar que é inútil tentar encurtar um Caminho, como quando se cai e não se pode escolher parar de cair, porque tudo é solto, como as estrelas são soltas, não se escolhe parar, e os caminhos não são apenas um modo de ir e vir.

Essa minha procura é o impedir que eu encontre, também eu me vivo uma espera, também eu desejo que as coisas me encontrem e me libertem delas. Só me deixo enxergar por meus desejos e me vivo um mundo de desejos. Me deixo enxergar por meus desejos e me vivo uma espera.

- Seus olhos são molhados, moço, e essa agüinha que eles escorrem tem uma luz que é luz de estrela. O senhor tem suas próprias estrelas e não pode encontrar palavras que as mintam pelo senhor. As palavras tentam ser o que somos e quando somos, não somos palavras. Tudo está em nós, quando não somos.

- Talvez o que somos não tenha nome. Ou talvez tenha, não importa. Eu, que sempre vivi para o fim do caminho, não mais me importo. E quando eu te levar pra dentro e te cobrir como me cobriu quando cheguei, quando minha querência for unicamente te ver dormir, eu estarei ali te vendo, não mais que te vendo dormir. Então a noite me cobrirá e eu verei a noite sendo noite, e seguirei o caminho pela Estrada que me traria ao fim do que tanto desejo. Seguirei o caminho buscando o fim pelo começo. E seguiremos os dois, eu no aqui de lá e você pelo caminho ali, seguiremos, enxergando um no mundo pelos olhos do outro, sem nunca mais voltarmos a nos ver. Venha se deitar, te cuido para que você se deite acordada sonhando na estrela, até que eu possa sonhando acordado olhar, e te ver sonhando sair e se vestir de um tanto delas. Ficarei aqui fora te olhando lá no alto a me olhar com seu corpo de luzes de estrelas. Aí o mundo será meu porque eu mesmo não serei mais nada, te olhando sonhar e me vendo do alto. Aí o que eu disser eu sei que não vou entender. É que não mais sou, então eu olho. Então eu olho o mundo e o adoro.

É Noite. A Noite está nos céus e cá estou eu só porque todos foram se deitar. Levei a Menina e a deitei, e vim cá arrear na Noite.

Amanhã logo cedo parto. Se Agora eu desse com o Avô eu não diria o que há por dizer. Tenho uma coisa para dizer, mas tenho antes uma coisa a saber. Talvez eu diga, mesmo que depois eu esqueça. Ou que tenha de abraçar sozinho esse sofrimento, o sofrimento de não ver meu Avô ver em mim a pessoa que eu era. Talvez eu devesse encontrar pra mim um outro Nome, mais fiel, mais eu, com o gosto insípido que tem a hora de encontrar o Nome.

Quero voltar pra casa. Talvez porque a Lua úmida tenha me dado saudades de minha Vida.

Sento numa pedra que é como uma banquetta. Sento quieto, me suo inteiro e abraço Fogo. O Ar queima feito Fogo. Como se esse Fogo me entornasse pra dentro tudo que não Vejo, cristais de Tempo, a Substância mesma das fraquezas ou da sorte, que é uma fraqueza de bom dia. Ou

como se, enquanto em mim elas existam, me seja impossível deixar de transpirá-las.

A Vida parece tão pouco cabível dentro de mim que talvez apenas vivendo a vida do mundo eu a viva. O Mundo é essa parte misteriosa da alma que não me pertence, e é por isso que me entrego a ele e o adoro. Me entrego como quem toca uma fronteira que não transpassa, porque no fim das contas viver o Mundo é deixar de transcender e ficar quieto. Eu a transpiro e me torno Um com ela. Não entendo o Mundo. Essa forma não minha das coisas que mais me pertencem. Só me distancio dele sendo aquilo que em mim menos sou. Eu.

O suor acende até chamuscar e arde, quando me entra trivento pelos sete buracos da cara. Olho a noite e procuro nas estrelas um desenho antigo, um desenho que não diga nada. Olho sem que me importe a escuridão dos olhos. Estou isento de mim. Posso Ver. Vejo a vida secreta da Noite. Quando me afasto é o mesmo que deixar que ela me olhe. A noite não me amedronta, me deixo ser Noite. No céu sul as nuvens maiores, mais escuras. As mariposas e os cupins-de-asas vêm voar perto da lamparina da casa. Círculo rodeando a Lua Cheia, sem tocar. Não penso em nada. De agora em diante posso chamar qualquer coisa pelo nome que eu inventar. Me procuro na amplidão da noite.

Aqui, sentado na pedra, maior que a dimensão das Serras, com gargantas rochosas, mais extenso que os planaltos ao Sul das Puiúnas, contemplo o presente, aqui e mais além das cristas dos Morros.

E essa foi uma visagem muito ligeira e me pego de novo naquela tremurazinha de não dar atenção a nada e que me vem de dentro e me vira numa chuvinha fina.

Olho o presente, como uma criança vestida de branco e sonolenta. Presente que é esse, aquele, o mesmo presente daquele último, sentado na rocha olhando a Noite, sabendo que o presente será dia. Esse mesmo presente, quando o for, também me levará daqui.

E, assim, dormiram as coisas.

Fico um tempo quieto, reparando em meu Fogo, trazendo madeiras antigas da Memória pra renovar-lhe a lenha.

José pára e me aponta a árvore, com voz de meio-dia.

- Foi embaixo dessa árvore que confessei meu amor a Maria da Glória, a mãe das duas Meninas.

Quando a gente não diz o que pensa não consegue viver com isso. De alguma maneira eu precisava dizer. Disse, e convivemos melhor com isso. Seu marido era um homem sóbrio, de bom trabalho, respeitado pelos peões. Nunca o víamos ao lado dela. Mulher só, de alma solta. Ela se sentava embaixo dessa Árvore pra ouvir o vento, a Harpa da Grama.

Ouçõ calado a história de José. Nunca sei o que dizer quando alguém me abre seus silêncios. Essa alma que afoita o sono, que sai aos poros, calorenta, e não diz seu Nome. Essa minh'Alma que não cessa os gemidos e só se abre em Segredo, seu breve e impermanente segredo, quando diz aos outros o que não digo a mim. Quando, em Segredo, o esforço de lembrar se confunde com a vontade de esquecer.

- Foi bem aqui. Ela estava alta e clara, olhando sabe-se lá o que no mato ralo e branco dançado calmo pelo sopro do vento. Parecia que ouvia algo de atenção presa. Foi a face mais tranqüila que já vi. Estava grávida da Menina menor. Eu disse tudo a ela sem saber se estava ouvindo. Cheguei sem deixar que me visse e disse. Não se mexeu. Disse que na noite anterior eu havia sonhado com ela se banhando no Mar. Nunca vi o Mar, mas ele estava lá e eu sabia que era o Mar. Ela se banhava nua e as águas a beijavam. Então apareceu uma serpente pequena e fina, vinha levá-la, leva-la em seu ventre de água transparente. Me atirei pra agarrar a Cobra mas ela se desfez em Sal e me escorreu pelas mãos. Maria ficou calma, não me viu. Apenas me olhava, mas seus olhos trespassavam meu corpo. Ela cantava e se misturava de novo na espuma salgada do Mar.

Foi o que eu disse a ela, sem deixar que o medo tremesse as palavras, sem querer novamente que me ouvisse, apenas disse que a amava e saí.

disse que a amava e sai... apenas...

disse tudo o que precisava dizer e não disse

não disse...o que não digo...

permaneço trancado à porta do ventre materno e não enxergo

as Palavras me calam e não encontro dizeres que dêem prova dos sentidos

- Aquele foi só o começo. É que não contei tudo a ela. Não contei tudo.

Naquela tarde choveu como há muito não chovia. A Fazenda entrou num alvoroço de bichos e pessoas, todos gritando e correndo da Chuva. De noite tudo estava mais quieto, me vieram pedir pra correr na Prata e trazer a parteira. Quando a levei de volta não precisei adivinhar as palavras da Velha, soube logo que Ela, minha Ela, havia partido. A criança estava salva, mas o Pai tinha sumido. O Pai das duas Meninas não agüentou e sumiu. Na manhã seguinte disseram que a irmã mais velha, Adélia, tinha ido atrás do Pai com a Menina no colo. Pensei que nunca mais as veria. Uns anos depois dei com as duas na beira da estrada, a pequenina já andava e forçava umas palavras. Ofereci abrigo e comida em troca apenas de tê-las por filhas.

Nunca me arrependi do que fiz. Mesmo quando a Fazenda arriou e a água tomou conta de tudo, e o bolor cresceu matando os bichos e as plantações. Mesmo quando todos se foram e os patrões me deixaram aqui tomando conta dessa terra que não se tem em mapa. Mesmo assim não me arrependo, são as filhas que Maria me deu, são o Sal que me restou, elas a devolveram a mim.

Fico quieto, parado e quieto. Olho a árvore de José, de Maria da Glória e de José. O tronco, galhos tortos, a copa imensa. Olho a árvore como quem vê suas lembranças de árvore. Como quem passeia solto pelas páginas dos dias. Como quem lê, de volta, as Palavras que nunca disse. Ali, parado diante de José, sem dobrar a língua no murmúrio que se torce a perturbar o silêncio, desassossegar meu centro, emendar os traços das histórias que ouço e sinto, soprar meus ventos sobre o mato ralo. Vejo o Sol soprar as barbas da grama até confundir minhas vistas. Ali eu alço o Mar, seus sopros molhados, seus cheiros, suas horas de areia.

Ali José muda sua figura. A cara retorce e se torce na cara marcada. É a cara, a mesma cara que é a cara do Avô.

- Vim te ver. Dizer o que me falta Vê. Dizer o que nunca disse.

Ele continua lá, me olhando. Camisa aberta e peito suado. A pele em chamas. Ele me olha, me olha solto.

- Vim dizer que queria ter vindo junto. Que fui um covarde e me escondi atrás da porta azul do seu quarto quando te vi arrumar as coisas. Que sou um covarde e ainda me escondo atrás da mesma porta, do mesmo olhar e do mesmo desejo. Minha vida tem sido um estar de lá pra cá sem saber ao certo onde, e ainda que me diga não vou saber encontrar porque vim até aqui e não consigo achá-lo.

- Você me encontrou antes mesmo do primeiro passo. Antes de vir ao mundo já estava aqui, na minha frente, com a cara cheia de perguntas que não entende, o estômago incendiado e as costas duras de quem busca nas respostas um sentido pra dar à vida. Você é um Príncipe de Cabelos de Ouro e foi protegido de si mesmo. Mas o cordão de sangue que pulsa em seu corpo não o traiu e você caminhou até aqui, onde eu nunca estive.

- Vim para a Cascata porque disseram que estava aqui. Dei com rastros da sua presença no caminho. Adoecei. Tive febre e não te encontrei.

- Não me encontra porque não é a mim que você procura. Adoece porque não pode entender.

Você atravessa portas erguidas por homens e elas o afastam cada vez mais.

ponta de pedra de terra vermelha

é terra de lá

sangue de terra de veias

água de bica

seu corpo

lavar

harpa de grama, esteira, moringa

alguidar

vento sopra da Serra na grotta

no chão

sua mangueira florada

sua mangueira florada que a flora

não dança

Você vive dentro de um Quadro com molduras bem marcadas, de estacas bem plantadas.

Em seus primeiros tempos mal ousou espiar por detrás das frinchas. Quando suas tempestades trincam a Tela os fachos de outras Luzes puderam penetrá-la. Aí você viu, aí você vê, veja, o Mundo além do Mundo. Essa claridade parece sempre maior quando você não nota, com os olhos soltos da superfície da Tela do dia. Foi essa claridade, meu neto, que mais tarde começou a te incomodar.

Então o Tempo te deixa cada vez mais tranqüilo, de uma tranqüilidade insone, de olhares perdidos.

Um dia você se levanta do banco de ferro pintado no Quadro e parte, com os pés descalços, pele vermelha de terra, maldizendo o mundo e maldizendo a si, pensando reler as páginas que Eu lia. Mas eu nunca soube ler, meu neto, nunca soube escrever meu nome.

As palavras perdem força, distanciam, acabam antes dos ouvidos. O dia é limpo como naquelas horas em que, criança, eu brincava nas ruas, tremendo as tardes com gritos. Quando até a lama podre que tinge o concreto dos muros e dos tornozelos reflete a Luz do sol.

É isso o que Vejo, o que vejo noutro Tempo, Agora, desavessado no presente dos olhos.

Estou aqui nesse Lugar sem ruídos. Ouvindo os passos de José batendo nas pedras. Suas mãos me apontam a árvore. Pela primeira vez reparo nas pinturas da paisagem, com as árvores e a estrada subindo na linha dos morros pra se recortarem num fundo azul, onde muitos passarinhos miúdos tomam banho de vento, o branco deles quando voam é um branco tingido de azul. Os passos de José são lúcidos como o Mundo.

Me levanto do chão pra andar com ele. Passamos pela árvore, essa, aquela árvore, passamos pela árvore na estrada de onde viemos quando

cheguei aqui. Olho as mesmas casas. De uma delas vejo uma senhora que vem de dentro e desaparece como se não existisse.

- *Serpentária*, senhor, uma praga que só espera as pessoas saírem pra invadir a casa. Dizem que amaina febre malsã, feita por picada de cobra. Aqui ela cresce por todo lado, como o senhor vê.

- E você José, não pensa em sair daqui, partir? procurar outro Lugar pra você e as Meninas?

- Quando a hora de partir chegou eu quis ficar com Elas. Pensei que seriam anos difíceis porque meu rosto transparecia como se não tivesse mais sangue, minhas mãos estavam murchas, não se via meus olhos. Adélia veio a mim e pediu que ficássemos. Não disse porquê. Apenas me olhou fundo e pediu.

Não penso que tenha ficado por Elas, não penso ter ficado pela Espera. Quando vim pra Cascata, trabalhar essa Fazenda, trouxe comigo mulher e três filhos. Nasci na Tiupuiúna Mineira, no alto da Serra, indo pelo outro lado, o próximo povoado depois da sede da Fazenda dos Prata. O homem da mulher tinha morrido e ela não tinha como dar cria aos filhos. Eu os trouxe comigo e dei. Todos se foram, ela foi a primeira, só o mais caçula olhou pra trás e deu Palavra a seu velho Pai.

Cuidei das Meninas da Glória e elas me cuidaram. Não foi só o amor que eu sentia por ela, não foi só o sonho o que me fez ficar. Foi o jeito de olhar e pedir da Adélia, ou pode ser que não tenha sido isso.

Essa terra é passagem pra muita gente, os viajantes passam sem rumo e nunca voltam, vão na mesma retidão. Vão mantendo os passos mesmos até a parte alta da Prata e de lá pra frente mais um tanto. Você também ficou, você também não sabe porquê. Você ficou.

- Você nunca ouviu falar de meu avô. As Meninas também não. Eu só queria encontrá-lo, como você, à Maria da Glória.

- Aqui ninguém tem Voz não, moço. Aqui, há muito tempo, as águas carregaram as Palavras, e ninguém nada pra dizer. Só ficaram as lembranças mais nós três, clandestinos, presos dentro delas. Todos se foram das Serras Puiúnas.

Caminhamos juntos, as Palavras de José param. Meus olhos noturnam.

Águas da Prata, primeiro Verão de 2006

Tudo começou quando a casa me pareceu pequena. Os jardins apequenaram. Os céus se fecharam em paredes de claridade. Quando a velha Casa do Vô trincou suas paredes foi que vi pela fresta imagens que por fora eu não via. Todo o Mundo era uma só fresta por onde eu via o passar dos dias, e todas as pessoas passantes pela estrada infinda. O Mundo era uma estrada infinda olhada com olhos de menino por uma fresta na parede velha. Tudo o que se via detrás daquela Tela na fenda da parede era umas pessoas passantes em uma estrada Vazia.

De primeiro não achei estranho, brincar menino de olhar o mundo escondido e ir dormir tranqüilo. Um Dia esperei pra espreitar a Noite. E a Noite escondeu as Formas do Dia e aprisionou meu Mundo no único canto de um Pássaro que eu não via. Mas meus olhos meninos encontraram o Pássaro na sombridão profunda, e eu menino brinquei de cantar com o Pássaro de olhos fechados pra clarear a Noite com a imagem do canto que se ofuscava na Luz do dia.

Agora a Estrada que José me aponta vai se estendendo pelo mesmo horizonte por onde aquela fresta se perdia.

- Vou lá, adeus – e vou-me indo.

José se apóia num mourão de cerca e bate as botas pra fazer poeira. De sua pancada na terra seca vão se desmoronando pedras, como se a última coisa que dissesse fosse um desmoronar de pedras.

fotos de Alan Victor Pimenta



águas



árvore



asárvores



asas



bifurcação



caminho



cerração



curvas



estrada



fogo



fundos



galão



gonçalves



itatiaiaas



itatiaiaaas



itatiaias



láecá



luz



madeira



morro



neblina



névoa



outra



pasto



pastos



placa1



placa2



placa3



trilha

ALAN VICTOR PIMENTA

Fotógrafo, mestre, e pesquisador do Laboratório de Estudos Audiovisuais
OLHO, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas

E-mail: russo333@hotmail.com

Artigo recebido em: 11/12/2007

Artigo para publicação em: 20/12/2007